

**KINESIS**



- Educação Física Possibilidades e aproveitamento
- Educação Física e Comunicação Social interdisciplinaridade
- Padrão Nutricional medida antropológica em escolares
- Efeitos na habilidade fechada
- Normas de condições aeróbicas em escolares

058

10.194

---

**ISSN-0102-8308**

**KINESIS/Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação Física e Desportos. N. 14, jul/  
dez. (1994)**

Santa Maria, 1994

Semestral

CDD: 796

CDU: 796/797

IASI - 18520

**ISSN - 0102-8308**

---

**COMISSÃO EDITORIAL**

*Dr. Jefferson T. Canfield (Presidente)*

*Doutoranda: Ingrid M. Baecker*

*Dr. Ruy J. Krebs*

*Dr. Cândido Simões Pires Neto*

**CONSULTORIA**

*Dr. Aluísio O. V. Ávila (UFSM)*

*Dr. Go Tani (USP)*

*Dr. Lamartine P. da Costa (UGF)*

*Dr. Manoel J. Gomes Tubino (UGF)*

*Dr. Renan M.F. Sampedro (UFSM)*

**COMISSÃO EXECUTIVA**

*Cergui R. Prado Lima (Diretor)*

**EDIÇÃO**

*Cergui R. Prado Lima*

**CAPA(Criação)**

*Mario Pallares*

*Patricia Coser*

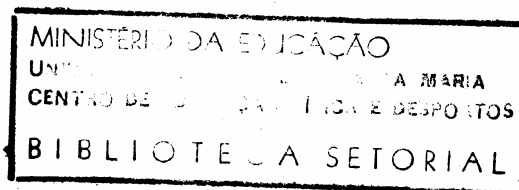
*Valter Noal Filho*

**CAPA(Arte final)**

*Mario Pallares*

**FOTOLITOIMPRESÃO E ACABAMENTO**

*Imprensa Universitária da UFSM*



# Editorial

Neste volume, Rezer, R. e Baeker, I.M., levantam questionamentos e refletem sobre, o que se faz o que se poderia fazer nas aulas de Educação Física.

Hatje, M. procura estabelecer as relações entre as áreas da Educação Física e da Comunicação Social.

Krug, M.R., Nunes, V.S. e Sampedro, R.M.F., buscam determinar o padrão de estado nutricional dos escolares do ensino público de Santa Maria, na faixa de 14 anos.

Chiviacowsky, S. verifica os efeitos da variação das freqüências absoluta e relativa do conhecimento de resultado na aprendizagem de uma habilidade motora em crianças.

Petrosky, E.C. verifica os efeitos da avariação da freqüência do conhecimento de resultado na aquisição e retenção de uma habilidade motora fechada em universitários.

Glaner, M.F. e Zimm, J.L. desenvolvem normas para o Teste de Banco da Faculdade Queens de condição aeróbica, para estudantes brasileiros.

## Índice

- Educação Física: as possibilidades existem, nós sabemos aproveitá-las? **5**  
*Physical Education: the possibilities exist, do we know to take advantage of them?*  
Ricardo Rezer  
Ingrid M. Baeker
- O ser Psico-social e Psico-biológico no processo interdisciplinar entre a Educação Física e a Comunicação Social **17**  
*The Psycho-social and Psychobiologic human being in the interdisciplinary process between the Physical Education and the social Communication*  
Marli Hatje
- Padrão do estudo nutricional de escolares através de medidas antropométricas **27**  
*Pattern of students nutritional situation through antropometric measurements*  
Marilia de Rosso Krug  
Volmar Geraldo da Silva Nunes  
Renan Maximiliano Fernandes Sampedro
- Frequência absoluta e relativa do conhecimento de resultados na aprendizagem de uma habilidade motora em crianças **39**  
*Relative and absolute knowledge of results frequency in the learning of a motor skill in children*  
Suzete Chiviacowsky
- Efeitos da frequência relativa do conhecimento de resultado na aquisição e retenção de uma habilidade motora fechada em universitários **57**  
*Effects of relative frequency of knowledge of results on acquisition and retention of closed motor skill in undergraduate students.*  
Elio Carlos Petroski

Condições aeróbicas - estabelecimento de normas para escolares masculinos **75**

*Aerobic condition - development of normas for high school male students*

**Maria Fátima Glaner  
João Luiz Zinn**

Kinesis, 1994, 14, 5-15.

## **Ensaio**

# **Educação Física: as possibilidades existem, nós sabemos aproveitá-las ?**

*Physical Education: the possibilities exist, do we know to take advantage of them?*

**Ricardo Rezer  
Ingrid M. Baecker**



## Resumo

Sempre tomamos um posicionamento diante do atual momento social que passamos, quer seja conivente e passivo ou transformador e idealista. E este posicionamento, inconsciente ou intencional, é decorrente de nossa maneira de ser, que se reflete em nossa aula de Educação Física. A ação pedagógica dos professores de Educação Física encontra-se intimamente ligada com as suas concepções de homem, de mundo e de sociedade, e isso se reflete nos valores que ele opta por transmitir em sua prática educativa.

O que se pretende a partir deste ensaio é levantar questionamentos, refletir sobre um pouco do que se faz e o que se poderia fazer em nossas aulas de Educação Física.

Acreditamos que para as aulas de Educação Física tornarem-se parte do mundo do aluno, seria muito importante possibilitar a participação dos alunos dentro do processo de organização das aulas, tornando-os também responsáveis por ele, onde estes não sejam considerados apenas como executores do planejamento do professor.

De modo a proporcionar algumas evidências com relação a possibilidade de trabalhar a Educação Física dentro de outras alternativas, sem descartar e negar o esporte, mas sim refletir sobre ele, apresentaremos também uma aula desenvolvida na Escolinha de Futebol da UFSM. A aula contou com uma turma de alunos regulares desta, onde procurou-se identificar no jogo algumas características da sociedade que nele se refletem. Como resultado caracterizou-se nitidamente a divisão de classes existentes.

Nesta aula, além dos trabalhos técnicos de chute, passe, cabeceio e etc, os alunos puderam perceber em primeira instância o que significa, como está, como poderia ser e como se desenvolvem os papéis sociais no atual quadro social.

Neste relato, para nós torna-se clara a possibilidade de refletir, pensar e agir por meio de caminhos que ensinem muito mais do que simplesmente o movimento técnico dos esportes, mas que também interfiram no processo de desenvolvimento dos alunos enquanto cidadãos que compreendem o mundo em que vivem, e que podem transformá-lo.

## Abstract

*We always have a position before the present social period we are going*



*through, either it is convenient and passive or changing and idealistic.*

*And this position, unconscious or intentional results from our way of being, which reflects in our Physical Education class. The pedagogical action of Physical Education teachers is closely connected to their concept of human being, of world and of society and that reflects in the values they chose to put across during the education practice. What is intended through this essay is to rouse questions, reflect on what we do and what we could do in our Physical Education classes.*

*We believe that in order to turn Physical Education classes into part of the student's world, it would be very important to permit the students participation in the process of organization of classes, marking them also responsible for it, where these students would not be considered only executors of the teacher's plan.*

*In order to provide some evidencies in relation to the possibility of working Physical Education within other alternatives, without discarding and denying the sport, but reflecting on it, we will also show a class developed at Escolinha de Futebol of UFSM. The class had a group of regular students where we tried to identify, during the game, some of the social characteristics that reflect in it. As a result, it was clearly characterized the division of the existent social classes. During the soccer class, besides technical work of kick, pass, head and so on, the students could realize at first what the social roles mean, how they are, how they could be and how they are developed in the present social organization.*

*In this report, it becomes clear the possibility of reflecting, thinking and acting through ways that teach much more than simply the technical movement of sports, but also interfere in the students process of development as citizens who comprehend the world they live in and who can change it.*

## EDUCAÇÃO FÍSICA : AS POSSIBILIDADES EXISTEM, NÓS SABEMOS APROVEITÁLAS ?

### **Refletindo sobre as Aulas de Educação Física...**

Atualmente a Educação Física passa por uma já famosa e comentada crise de identidade, onde pelo menos uma parte dos professores questionam-se sobre seu papel, e buscam fundamentos e princípios que orientem seu trabalho.

*Gonçalves (1986)* afirma que as práticas pedagógicas dos professores somente poderão ser consideradas autênticas e consistentes, se estiverem enraizadas em suas concepções de homem, de mundo, e de sociedade. Estas concepções, cabe salientar, estão sempre presentes, embora muitas vezes possam passar implícitas ou até mesmo despercebidas, o que caracteriza ingenuidade e extremos de absoluto descompromisso social na sua tarefa de educador, ou até opção mesmo, pelo conservadorismo.

É de suma importância que este processo de conscientização ocorra, e que os professores explicitem suas concepções, materializando-as em sua prática pedagógica. Nesta é necessário que se questione sobre o tipo de ser humano que se pretende desenvolver e para a construção de que tipo de sociedade.

Acreditamos que a explicitação destes dois questionamentos são na mesma proporção importantes e complexos. Complexos, pois muitas pessoas analisam estas questões de forma simplista e reducionista, e poucos tem condições de dizer por exemplo, que tipo de sociedade se busca. Importantes, pois, a partir destas concepções de homem e de sociedade fundamenta-se toda nossa prática pedagógica, e ela é resultado de um processo de desenvolvimento da vida de cada um em seu meio, de aquisição de experiências, de coisas que o professor viu, conheceu e dos posicionamentos que defende.

Se buscamos uma sociedade mais justa, em que todos tenham igualdade de chances, qual seria a tarefa da Educação Física? Ela é a nossa possibilidade de atuação neste processo de transformação, mas que nem todos a utilizam de maneira coerente. Talvez por falta de conhecimento, por falta de posicionamento e até mesmo por comodismo, as pessoas concordam e reproduzem conceitos e padrões de comportamento. Esta falta de

um engajamento responsável implica em um estado de convivência com as normas ditas e impostas pelo sistema vigente, que nem sempre centram sua atenção no ser humano ao traçarem objetivos e ao tomarem decisões.

Este é um dos motivos pelo qual se vê hoje a Educação Física sendo muito pouco valorizada, esquecendo de seu papel também educativo. E através dela, hiper-desenvolvemos o resultado, a competição e o individualismo, na mesma proporção que hipo-desenvolvemos a cooperação, a lealdade, a justiça e reproduzimos cada vez mais, conceitos medíocres e hipócritas de um capitalismo dominante.

### **O Aluno participando da construção da aula de Educação Física...**

Visto que, para *Hildebrandt (1986)*, “o ensino da educação física é uma construção de situações em que se tornam possíveis experiências específicas para a superação de situações na vida presente e futura” (p.06), acreditamos a partir disto, que não é mais possível admitirmos a super valorização de determinados valores e padrões de comportamento, como o individualismo por exemplo, com o risco de sermos coniventes com a verdadeira despreocupação e desinteresse que existe entre as pessoas, em relação umas as outras. Para que aconteça esta construção de situações, se torna necessário nos darmos conta do que são e de onde vem as concepções que norteiam nossa prática pedagógica, e a partir daí, tomar uma decisão e elaborar uma proposta de ação e um planejamento adequados à nossa postura. Aqui defendemos uma proposta pedagógica que permita pelo menos, uma tentativa de minimizar a importância de certos valores que hoje preponderam e somente contribuem para a auto-destruição do ser humano.

E este planejamento, esta proposta de ação, conforme *Hildebrandt (1986)*, não podem ser abordados de forma unilateral, exclusivamente do ponto de vista dos professores, mas sim, também do ponto de vista dos alunos, onde os conteúdos do planejamento seriam discutidos, avaliados e até modificados por ambas as partes. Esta participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem seria um primeiro passo para possibilitar a formação de um aluno competente, autônomo e responsável para agir de maneira crítica, ativa e transformadora, conforme a necessidade, na sociedade onde ele está inserido.

Na medida em que o aluno auxilia o professor a tomar decisões para construir a aula, ele se torna imediatamente responsável pelo processo de desenvolvimento desta aula. Este processo é um trabalho também

dele, onde se encontram seus afetos, seus pensamentos e não somente uma determinação do professor. O aluno terá dessa forma espaço para opiniões, sugestões e responsabilidades, tanto a nível de direitos, como a nível de deveres. Deste modo, supõe-se que o aluno não poderia simplesmente retirar-se ou não participar da aula, pois também contribuiu para que esta situação acontecesse, sendo então responsável por ela.

Esta relação de responsabilidades deveria se dar em todos os momentos, sob a forma de co-decisões, pois para que o processo ensino-aprendizagem ocorra, o professor e os alunos devem estar engajados neste propósito, cada um cumprindo com seu papel. Estes papéis não podem deixar de existir, pois cabe a cada um deles (aluno e professor), responsabilidades, direitos e deveres diferentes.

O professor, por possuir um tempo de vida maior, e um maior número de experiências, deveria ser detentor de saberes e conhecimentos, que passaria aos alunos em suas aulas, através do corpo de conteúdos da Educação Física. Mas o professor não pode se limitar a simples transmissão destes conhecimentos, pois ele é (ou deveria ser) um educador, e o conceito de Educação é muito mais amplo do que a simples transmissão de conteúdos, mas sim, correspondente "a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas e princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática" (*Libâneo, 1991 - p.22/23*).

Já o aluno, deveria estar presente e participar destas aulas, trazendo o que ele já sabe e viveu, discutindo e reavaliando, para então incorporar os conhecimentos adquiridos de modo a utilizá-los ao longo de sua vida. Desta forma, ele também contribui para o processo de desenvolvimento da aula, caracterizando assim, uma interação pedagógica, onde professor e aluno somam o que eles são e o que eles sabem, construindo suas aulas em conjunto.

Nesta forma de ensino da educação física, os aspectos e conteúdos embutidos no esporte "são determinados como uma presença modificável, de formação e conceituação individual de movimentos, mas concebido com posicionamentos e valores modificáveis" (*Hildebrandt, 1986-p.07*). Em outras palavras, isto quer dizer que deveria haver uma transformação no ensino dos esportes na escola, onde se deveria refletir sobre o esporte, e este deveria ser adaptado a um determinado grupo de alunos, e não ao contrário, como geralmente acontece, com os

alunos tendo que se adaptar, se formatar ao esporte, de acordo com padrões estereotipados advindos do desporto de alto-nível.

Mas, concordando com *Kunz (1991)*, não é nossa intenção negar todo o esporte de rendimento, pois não é um meio destituído de qualquer valor pedagógico, mas também não temos a intenção de reforçá-lo como prática de forma acrítica.

### **Experienciando uma aula de futebol com crianças...**

Geralmente, quando se parte para uma reflexão sobre certos aspectos ligados a Educação Física, há um certo receio por parte das pessoas, no que diz respeito a como desenvolver esta fundamentação em nossa prática pedagógica. Partindo das colocações anteriores, consideramos relevante apresentar uma experiência de aula, ocorrida em novembro de 1994, com um grupo de alunos regulares da escolinha de futebol da UFSM, com idades entre 11 e 14 anos. Cabe salientar que, consideramos aqui a Escolinha de Futebol, apesar de sua orientação técnico-desportiva, como um espaço para se refletir e criticar sobre o esporte para crianças, considerando que na Escolinha são desenvolvidas atividades corporais e formas de movimento que podem ser constituídas como uma fonte de experiências da criança para com o mundo, através do seu movimento e que pode auxiliá-la no desenvolvimento de suas ações e pensamentos, tornando-o capaz de relacionar-se de forma participativa em seu grupo (*Dietrich/Landaul, 1990*).

Na aula, estavam presentes 30 crianças, e tentou-se interpretar o conceito de sociedade que elas possuíam. Em um primeiro momento da aula, nos reunimos e após uma conversa, onde foi sugerido o tema para a aula, foi perguntado o que vinha em primeiro lugar ao pensamento deles, quando se pronunciava a palavra sociedade. A princípio, estavam um pouco tímidos, mas logo as respostas começaram a surgir nas suas mais variadas formas, indo desde “um grupo de pessoas que vivem próximas e relacionam-se” até “sociedade é quando duas pessoas se unem e montam uma firma”. A partir destas variadas respostas, procurou-se esclarecer este conceito de forma bem simples, de modo a proporcionar uma maior compreensão por parte dos alunos. Chegou-se a conclusão, de maneira bem elementar, que sociedade “seria um grupo de pessoas que convivem e tem objetivos próprios”. Em seguida, foi perguntado se as crianças gostam do tipo de sociedade em que vivem, e como elas viam este tipo de sociedade. Então foi colocado por um garoto de 13 anos, que em nossa sociedade,

“existem os que governam e os que são governados”, ou seja, um grupo de dominantes e um grupo de dominados. Esta foi considerada uma resposta chave, que poderia colaborar com o desenvolvimento de nossa aula.

Foram então, constituídos intencionalmente pelo professor, dois grupos para um jogo de futebol, onde um grupo contava com 11 alunos que tinham maior habilidade e o outro grupo contava com 19 alunos com menor habilidade. O grupo menor estava uniformizado, ao qual eles mesmos denominaram-se “ricos”, e o grupo maior, estava sem camisa e denominava-se, por sugestão deles próprios, “pobres”. Ao iniciar o jogo, estava caracterizado a relação existente em nossa sociedade, entre dominados e dominantes. Um grupo menor de privilegiados, que foram previamente organizados em posições dentro do campo, com melhores condições e um grupo maior, talvez até mais poderoso, mas sem a devida organização que possibilitasse a inversão deste quadro. Com o desenrolar do jogo, era notória a supremacia do grupo menor, que geralmente estava em poder da bola e o grupo maior, que tentava recuperar de forma desordenada a posse de bola.

Foi sugerida uma paralização do jogo, e novamente o grande grupo reuniu-se, para discutir o porque do jogo desenrolar-se desta maneira. De imediato foi contra-argumentado por um aluno que o grupo menor havia sido previamente organizado, e por consequência, ocupava melhor os espaços do campo. Quando foi questionado porquê o grupo maior não havia organizado-se também, a resposta veio rápida de um aluno pertencente a este grupo: “o professor falou para eles se organizarem”. O professor colocou para eles então, o seguinte questionamento: Porque, sempre esperamos alguém dizer o que temos que fazer, e o que temos de falar? Porque não tomamos a iniciativa nas diversas situações de nossa vida, sem a necessidade de alguém falar por nós? A partir disso, foi sugerido um tempo para que estes alunos conversassem entre si nos dois grupos, para discutir como o grupo maior poderia reverter este quadro, e como o grupo menor poderia continuar dono da situação.

Após esta pausa, continuaram a desenvolver o jogo, e houve uma pequena melhora com relação ao desempenho do grupo maior, que havia voltado melhor estruturado para o jogo. Mesmo assim, o grupo menor continuava levando vantagem.

Depois de mais um tempo, o jogo foi encerrado e novamente reuniu-se o grande grupo, e começamos a traçar um paralelo entre o acontecido na aula e o que acontece no cotidiano de nossa vida. A conclusão que o grupo chegou foi de que, realmente um grupo menor se torna mais

fácil de organizar. Também deveria haver um maior equilíbrio entre os dois grupos, até por meio de uma sugestão simples de um dos alunos, que em vez de um grupo com 11 e outro com 19, fossem organizados dois grupos de 15 alunos, mais organizados e coesos tecnicamente, e não fosse necessário a existência deste dois extremos. Talvez assim, os dominados não necessitassem estar sempre correndo atrás da bola, pois deixariam de existir, passando então, a existir dois grupos em condições mais iguais, ocasionando uma maior oportunidade de participação a todos, e principalmente, deixando espaço livre para a iniciativa de verificar o que está acontecendo, e tentar transformar se for o caso, a situação do jogo.

### **Trazendo o Esporte para a Aula de Educação Física...**

A partir deste relato, para nós torna-se evidente a possibilidade de trabalhar o esporte em suas mais variadas formas, já que, ambos os grupos estavam aplicando fundamentos técnicos do futebol, tais com chute, passe, cabeceio, e nem por isso, deixaram de contextualizar uma série de acontecimentos ocorridos, um verdadeiro mundo de possibilidades que devem ser trabalhado através do esporte, tais como modificação das regras, do espaço de jogo, número de participantes e até o próprio relacionamento dos alunos com o jogo.

E se isto foi possível em uma escolinha de futebol, que traz consigo uma carga de pré-conceitos relativos ao treinamento e formação de atletas apenas, que em nossa opinião deve ser repensada, pode-se inferir que se torna possível trabalhar em uma escola, com uma turma de alunos regulares, aspectos que superem o simples sentido do esporte imposto por nosso sistema.

Partindo disso, acreditamos que os esportes também devem ser ensinados na escola como conteúdo da educação física, pois também são uma forma de conhecimento, de cultura, e simplesmente negar isso a nossos alunos, seria uma maneira de mantê-los ignorantes. Contudo, devemos tomar consciência de que existem diversas possibilidades diferentes de se trabalhar conteúdos da cultura corporal de movimentos com os alunos na escola.

Por fim, ainda sobre o conteúdo da educação física, este deve ter, conforme o Grupo de Trabalho Pedagógico UFSM-UFPe (1991), um caráter que satisfaça as necessidades dos alunos, e que a partir disto, possa-se admitir que seus conteúdos possam perder o seu caráter imutável,

inquestionável, de forma que seja possível enquadrá-los no contexto social, organizados metodologicamente.

Concluindo, acreditamos na possibilidade de uma aula de educação física que considere nos alunos, suas necessidades, limitações e potencialidades, considerando-os mais do que simples máquinas que devem ser fabricadas e preparadas para produzir o máximo pelo mínimo, desempenhando o melhor possível o papel a ele atribuído dentro da atual estrutura social, perpetuando conceitos e reproduzindo padrões de comportamento, descartando assim, toda e qualquer espécie de resistência a este sistema.

## Referência Bibliográfica

- Abbagnano, N. *Dicionário de Filosofia*. Editora Mestre Jou (2a.Ed.) São Paulo (SP), 1962.
- Bobbio, N. Pasquino, G. Matteucci, N. *Dicionário de Política* (Vol.1) Editora Universidade de Brasília (4a.Ed.) Brasília (DF), 1992.
- Bracht, V. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Livraria e Editora Magister Ltda. Porto Alegre (RS), 1992.
- Dietrich, K. Landau, G. *Sport Pädagogik*. Rowohlt. Hamburg, 1990.
- Gonçalves, M.A.S. Reflexões sobre as aulas de Educação Física *Revista Kinesis*/jul-dez no.2. Santa Maria (RS), 1986.
- Grupo de trabalho pedagógico UFPe-UFSM. *Visão Didática da Educação Física*. Editora Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro (RJ), 1991.
- Hildebrandt, R. Laging, R. *Concepções Abertas no Ensino da Educação Física*. Ed. Ao Livro Técnico - Rio de Janeiro (RJ), 1986.
- Libaneo, J.C. *Didática*. Série Formação do Professor. Cortez Editora. São Paulo (SP), 1991.
- Kunz, E. *Educação Física: Ensino e Mudanças*. Editora Unijuí - Ijuí (RS), 1991.

Prof.<sup>a</sup> Ddo DDI/CEFD/UFSM  
Aluno do PPGCMH/CEFD/UFSM



